

Garnero pede tempo para o Brasil

Dívida externa

O presidente do Brasilinvest, Mario Garnero, defendeu, ontem, a renegociação da dívida externa brasileira em prazos mais longos, frisando que essa é a única maneira de o Brasil retomar seu crescimento econômico, com o qual poderá gerar excedentes de capitais líquidos para amortização e pagamentos de seus compromissos.

Em discurso que fez para 600 banqueiros internacionais, durante almoço realizado no shoram Hotel, em Washington, Garnero exortou a comunidade financeira mundial a confiar no Brasil que, segundo ele, enfrenta grandes dificuldades, mas que está longe de ser uma nação falida.

Ao analisar a atual conjuntura brasileira, Garnero lembrou que nações ricas e fortes, hoje, como os Estados Unidos, também já passaram por dificuldades parecidas como as do Brasil, e que, no caso norte-americano, algumas dívidas simplesmente não foram pagas ou exigiram negociações de prazos mais dilatados.

"A cobrança de dívidas — acrescentou — é um pressuposto inalienável aos círculos dos negócios, mas também cabe aos credores possibilitar ao máximo condições para liquidação em boa fé dos compromissos".

"A cobrança de dívidas por navios e tanques já não é mais possível e a alternativa da retaliação econômica padece de justificativa moral" — acentuou.

O DISCURSO

A vida das nações, assim como a das pessoas, sofrem oscilações que, se não devidamente enfrentadas, podem levar ao pânico e ao desespero. Os Estados Unidos ilustram, com perfeição, exemplos de países que conviveram, ao longo de sua história, com situações dramáticas, quase trágicas, nos campos econômico e social.

Talvez nenhuma das nações que os senhores aqui presentes representam tenha deixado de conhecer graves momentos, sérias dificuldades, seja na ordenação de suas atividades econômicas internas, seja na execução de suas relações financeiras internacionais.

No campo específico das transações financeiras com o mundo, os Estados Unidos também são um capítulo à parte. Por longo período, os Estados Unidos foram um importador liqui-

do de capitais, de empréstimos de longo prazo, com os quais pôde executar seus programas de desenvolvimento nem sempre bem-sucedidos.

Os Estados da Pennsylvania, Michigan, Mississipi, Minnesota, além de empresas privadas destes e de outros Estados americanos, simplesmente faliram, deixando de pagar seus compromissos aos países emprestadores. Outras dívidas foram transformadas em transações de maiores prazos.

Hoje, a maior potência econômica e militar que o mundo jamais conheceu, os Estados Unidos, ocupam a liderança que a Europa exerceu no passado, o papel de principal estimulador do sistema econômico financeiro mundial.

Os fundamentos centrais da notável transformação norte-americana encontram-se nas potencialidades dos recursos dos Estados Unidos. Se é verdade que circunstâncias históricas excepcionais, como as duas guerras mundiais deste século, contribuíram para a arrancada norte-americana, também é verdadeiro que a cooperação recebida do exterior, especialmente da Europa, pode ser aproveitada pelo esforço, dedicação e duro trabalho dos norte-americanos.

CRISE

Não desejo fazer comparações entre a caminhada dos Estados Unidos e a atual situação do Brasil. Todos sabem que analogias em história são um perigoso e por vezes ilusório instrumento de avaliação crítica. Ademais, o Brasil tem peculiaridades próprias.

O que gostaria, sim, é de pedir a atenção dos senhores para as condições brasileiras, para as singulares condições com que o Brasil enfrenta suas conhecidas dificuldades, especialmente na esfera da dívida externa. Nossa dívida nem é a maior, nem a única, nem a mais dramática de todas quantas os países já conheceram.

Nossa dívida é o acúmulo de compromissos de um país ansioso por crescer, desejoso de transformar suas riquezas, consciente de suas potencialidades, convicto de que se encontrará o caminho da recuperação de sua economia.

E mais que legítimo que os credores se preocupem com o futuro de seus capitais. É igual-

mente legítimo que questionem, sob a ótica de seus interesses e dos interesses de seus acionistas, o destino dos empréstimos feitos ao Brasil e às empresas brasileiras, públicas e privadas. O que certamente não é conveniente, porque improdutivo e carente de uma visão de horizonte, é criar condições para uma crise generalizada no Brasil, pelo simples temor, por desconfiança pela ausência de apoio e de colaboração.

FALÊNCIA

Na vida das nações, como na vida das pessoas, a maior crise é a do pessimismo e da falta de confiança. Na vida do Brasil, talvez possamos enfrentar todos os problemas, mas jamais uma crise de confiança. A crise da desesperança é o caminho mais curto para a desorganização econômica, o caos social, a incerteza política.

Reconhecendo as enormes dificuldades brasileiras, é necessário ressaltar, porém, que estamos longe de sermos um País falido, debilitado ao extremo, sem forças para renovar-se e se reafirmar. É imperativo que se examine com cuidado o potencial do Brasil. Como bem disse o meu amigo George Shultz, em carta que me enviou, o Brasil dispõe de uma estrutura econômica diversificada e forte o suficiente para superar os atuais problemas.

Temos um parque industrial diversificado; a área agrícola, cujo plantio aumenta a cada ano, está longe de ser esgotada; temos projetos de transportes, energia elétrica, de produção industrial, de vários e importantes insumos de demanda mundial. Estamos executando um programa de substituição de energia sem similar no mundo. Contando apenas com matérias-primas próprias e com capacitação técnica e industrial internas, o Brasil poderá alcançar até o final da atual década, a sua auto-suficiência energética, deixando de importar um barril sequer de petróleo.

E mais que evidente que o alcance dessas metas exigirão a mobilização da sociedade brasileira e, também, a cooperação internacional. Convém lembrarmos que o Brasil faz parte de um sistema de forças e de interesses interdependente, direcionado para o revigoramento das instituições democráticas -

econômica e politicamente consideradas.

O isolamento econômico do Brasil, a ausência de formas efetivas de cooperação e apoio da comunidade internacional trazem dentro de si componentes políticos e estratégicos de elevado valor, que cumpre considerar. Mesmo a pretexto de preservar a qualquer custo, os interesses isolados de operações financeiras, conviria que todos examinassem a questão brasileira sob o ângulo de uma real e maior amplitude político-estratégica para o fortalecimento das relações econômicas entre os países.

O Brasil integra uma corrente de interesses cujo funcionamento normal e contínuo depende da ação solidária de seus membros. A ruptura de um elo dessa corrente poderá provocar consequências que atingiriam a todos, em grau maior ou menor de intensidade. No caso do Brasil, receio que essas consequências não se restrinjam ao campo apenas econômico e social, estendendo-se certamente ao político-institucional.

COOPERAÇÃO

Temos, sim, nossas responsabilidades específicas, e delas não fugiremos. É essencial, contudo, que essas responsabilidades sejam compartilhadas pela comunidade internacional mediante uma cooperação com grandeza, com atos e decisões desprovidos de caráter impositivo de condições que a sociedade brasileira não deseja nem pode suportar.

A prática de uma política maior, com visão de futuro, consciente das potencialidades brasileiras, fundamentada em convicções duradouras é tudo o que o Brasil deseja.

A cobrança de dívidas é um pressuposto inalienável nos círculos dos negócios, a nível privado ou a nível público. Mas também é um princípio secularmente respeitado o de que cabe aos credores possibilitar ao máximo condições para a liquidação de compromissos. A cobrança por navios e tanques já não é mais possível. A alternativa da retaliação econômica padece de justificativa moral; o único caminho que se impõe, assim, é o da cooperação franca e amistosa, principalmente em se tratando de um devedor qualificado como o Brasil.

28 SET 1993

COPIADO DE ARQUIVO

COPIADO DE ARQUIVO